

Terceiro Mundo preocupa Câmara dos EUA

A Câmara dos Estados Unidos inicia hoje dois dias de audiência pública sobre a dívida do Terceiro Mundo, mas um dos mais importantes convidados, o secretário do Tesouro, Nicholas Brady, "recusou-se a comparecer", como informou um porta-voz do deputado democrata Henry B. Gonzalez, o novo presidente do Comitê de Bancos, Finanças e Assuntos Urbanos.

O secretário Brady foi mantido no cargo pelo presidente eleito George Bush. Como informa nosso correspondente em Washington, **Moisés Rabinovici**, Brady seria uma importante testemunha na audiência porque está preparando novas propostas para o tratamento da dívida do Terceiro Mundo, para serem apresentadas ao Congresso até o dia 3 de fevereiro.

Entre os convidados que aceitaram depor nos dois dias de audiência pública estão o presidente do Comitê dos Bancos Creditores do Brasil, William Rhodes, o presidente do **First Boston Corp.**, Pedro Pablo Kuczynski, e o ex-ministro Bresser Pereira, além dos economistas Fred Bergsten e Jeffrey Sachs.

Os novos e reeleitos senadores e deputados do 101º Congresso dos Estados Unidos prestaram juramento ontem e entrarão em recesso amanhã, até a posse do presidente eleito George Bush. A promoção de uma audiência sobre a dívida do Terceiro Mundo, nos dois primeiros dias de trabalho do Congresso, demonstra a preocupação do novo presidente do Comitê de Bancos da Câmara, o deputado Henry B. Gonzalez. A moratória da Venezuela, um dos devedores mais estáveis da América Latina, aumentou a preocupação com a dívida. A Argentina está com 2 bilhões de dólares em pagamentos atrasados. E o México quer discutir alternativas para o pagamento de sua dívida de 107 bilhões de dólares. Uma charge no **The Washington Post** de ontem mostra um navio; os

Estados Unidos, chocando-se com um iceberg, a dívida internacional, enquanto dois marinheiros comentam que a situação está muito ruim "na terceira classe".

Gonzalez, o novo homem da dívida na Câmara, é o mesmo que introduziu uma legislação para o impedimento do presidente Reagan, em 1987, e contra o ex-presidente da Reserva Federal, Paul Volcker, em 1981, por ter aumentado as taxas de juros. Muitos o consideram um populista, um homem que poderá se tornar um problema para muitos banqueiros.

Enquanto a dívida externa é motivo de preocupação, o Banco Mundial anunciou ontem que decidiu aumentar a taxa de juros sobre seus empréstimos aos países em desenvolvimento de 7,59 para 7,65%.

México

O México poderia reduzir sua dívida externa de mais de US\$ 107 bilhões e retomar o processo de crescimento econômico se seus credores aceitassem o pagamento de juros e amortização do capital em moeda nacional, com a obrigação de investir esses recursos na economia mexicana. Haveria a proibição de transferir as amortizações ao exterior por um prazo de dez anos, porém os bens adquiridos com elas no México poderiam ser revendidos em dólares a investidores estrangeiros não residentes no país e os lucros remetidos livremente. Essa proposta foi apresentada ontem, em um artigo no **Wall Street Journal**, de Nova York, pelos economistas americanos Franco Modigliani, Prêmio Nobel de Economia em 1985, e Rudiger Dornbusch, catedrático do **Massachusetts Institute of Technology**.

Ontem, em Caracas, o presidente eleito da Venezuela, Carlos Andres Perez, afirmou que seu país suspendeu o pagamento da dívida externa simplesmente porque se esgotaram suas reservas de divisas.